

P O E S I A

DIRCEU VILLA

NON SEMPER ERIS DE NEMESIANUS

Nem sempre serás:
o chão perde a grama,
as plantas perdem as flores,
as rosas perdem os espinhos
e os lírios voam ao vento;
as vinhas não duram vergadas de uvas
e não dura a sombra das pessoas
contra a luz do sol.

O ESPÍRITO DE ÉPOCA

E eis que o espírito de época
apareceu para mim
nas plumas de um grande pavão
(que eu pensei ser de Yeats):
algumas pareciam círios,
outras abriam um leque
em torno do enorme traseiro,
e, sobre o crânio minúsculo,
o que aparecia uma auréola
casta, sagrada e eterna.
Mas com a língua pra fora
de bico entreaberto,
disse apenas:
“Vem aqui e me come”.

QUASE ISSO

Dizem que Goethe pediu mais luz,
Mehr Licht, no momento da morte.
Mas, como resposta,
Apenas abriram as janelas.

P O E S I A

OCEANO

Quando os homens puseram os barcos
altos e curvos sobre o monstro-mar e as ondas
se abriam em par sob a quilha e turbilhões
de espuma borbotavam nos flancos do navio
e os mastros esternavam num ronco seco e
a madeira estalava como uma floresta ainda
viva os homens não sabiam não faziam idéia
de que o mundo se mantinha sem beiradas
sem aparos era o mundo um horizonte curvo
além do que se vê além do que se vive além

FRAGMENTA SAPPHICA

Chumbo encobre
O ouro da manhã
Flores para mim mesma.

Flores para mim mesma.

E MAIS UMA ARTE POÉTICA

A técnica vem em primeiro lugar;
a precisão em segundo;
a potência bem mais tarde —

— de um livro sobre
como jogar tênis.

Dirceu Villa nasceu em 1975, em São Paulo. Publicou seu primeiro livro de poemas, MCMXCVIII, aos 23 anos; seu segundo livro de poesia, Descort, ganhou o prêmio Nascente de melhor livro de poesia, em 2000. Está terminando sua tradução de Lustra, de Ezra Pound, para seu mestrado na Universidade de São Paulo.